

## O teatro: demasiadamente político

Miguel Chaia<sup>1</sup>

A política se espalha para além do seu núcleo duro e esparrama-se por várias áreas da sociedade e pelas múltiplas formas de expressões artísticas. O teatro é uma das formas estéticas na qual está bastante explícita a dimensão política, desde a sua origem ritualística, passando pelas tragédias gregas até chegar à contemporaneidade.

Ao se considerar a história do teatro, vários autores adensaram a sua linhagem política, como, por exemplo, Bernard Shaw, Erwin Piscator, Sergei Eisenstein e Federico Garcia Lorca, sendo que três grandes referências aí emergem: William Shakespeare (Inglaterra, 1564-1616), Bertolt Brecht (Alemanha, 1898-1956) e Antonin Artaud (França, 1896-1948). Estes três dramaturgos uniram ação e conhecimento político no plano da arte, tendo por base uma aguda sensibilidade e percepção crítica da realidade. Neles estão presentes acima de tudo a pesquisa, a experimentação e a inovação da linguagem, mas também a preocupação com a situação sócio-política e com a condição do ser humano. Os autores, efetivamente pensadores críticos, marcam a história do teatro e influenciam diferentes momentos desta linguagem no Brasil, desde a década de 60 até os dias atuais.

Em Shakespeare, Brecht e Artaud a política ganha centralidade, porém de forma particular para cada um deles, assumindo diferentes significações e

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência Política é professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e coordenador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP).

ganhando inusitadas relações. Se há a permanência da preocupação política entre eles, verificam-se inúmeras diferenças permitindo elaborar três perspectivas políticas distintas, complementares e paradoxais entre si. Tomando-se como eixo a dimensão política, chega-se a diversas concepções de mundo que perpassam suas peças, poemas e formulações teóricas.

Em Shakespeare, a partir da constatação do homem como referência fundamental, percebe-se permanentemente presente a preocupação em desvelar as operações do poder. Suas peças focam personagens que circundam o pólo do poder que, por sua vez, atrai e exige a presença do corpo humano para que possa funcionar. Numa recuperação do pensamento político dado por Thomas Hobbes e Nicolo Maquiavel, Shakespeare supõe a existência do poder enquanto esfera autônoma que se reproduz por leis próprias, leis estas que podem ser redirecionadas ou rearticuladas em função da personalidade e da ética do ser humano que o ocupa. Quando o poder é exercido por um governo legítimo, um rei ou uma rainha com direito na linhagem hereditária na realeza, o poder funciona na direção do bem comum, engrandecendo tanto o governante quanto a sociedade. Entretanto, se o poder é ocupado por um usurpador, ele se tona uma força enfurecida, capaz de devastar nobres e cidadãos. Shakespeare mostra que a política afeta a vida das pessoas, propiciando ou eliminando a existência humana. Neste sentido, a perspectiva política que perpassa as peças de Shakespeare permite associar política-vida-sociedade. Em suas obras encontra-se a idéia da “política como tragédia” que se explicita na ausência da política como ética. Esta idéia supõe que os conflitos são agônicos e os homens não conseguem controlar os resultados de suas ações. Por isso os personagens entram numa história cíclica vivendo a seqüência legitimidade-usurpação-legitimidade-usurpação... Nas circunstâncias da “política como tragédia”, o centro da cena é efetivamente ocupado pelos seres humanos, deixando-se dirigir nesta representação tanto pelos seus conflitos particulares quanto pela impessoalidade e imprevisibilidade do poder.

Para Brecht, a política possui uma significação bastante forte, por vezes colocando-se acima da arte e da vida. Tanto que algumas de suas criações nasceram explicitamente de um projeto político. As obras de Brecht compõem

um sistemático pensamento que ganham novas direções a partir das leituras de Karl Marx e de uma prática política pautada pela construção de uma nova ordem social. Se de um lado, em Brecht está presente o conhecimento e a crítica da sociedade capitalista, de uma forma inusitada, por outro lado, sua estética formula-se a partir da ideologia marxista. Assim, percebe-se que o centro da cena das peças deste autor é ocupada por personagens que se apresentam enquanto forças sociais, de maneira semelhante às facções sociais descritas por Marx em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Neste dramaturgo, a razão, a ciência e o conhecimento são aliados valiosos da política e do teatro, tanto que propõe o “efeito distanciamento” para mediar a relação entre atores e platéia, tendo em vista justificar o ensinamento e o aprendizado necessários à transformação social. A sua proposta de Teatro Épico propicia a compreensão do teatro, da política e da sociedade, enquanto esferas unidas e que devem ser encaradas criticamente, tendo em vista transformar as condições das suas realizações.

Em Artaud, encontram-se simultaneamente a ampliação e a redução da política. Ao invés da dimensão política, arte e vida são os fatores fundantes da realização do seu teatro. A ambigüidade e o paradoxo permeiam a idéia de política no teatro de Artaud, uma vez que propaga as mensagens revolucionárias, critica radicalmente a ordem instituída, numa abordagem cultural próxima à de Friedrich Nietzsche, mas enfatiza efetivamente a subjetividade do indivíduo. Assim, o centro da cena em Artaud é ocupado por sujeitos, com seus instintos e emoções, ampliando a esfera da política para o âmbito da intimidade do sujeito, apontando a significação do corpo, passando pela linguagem até alcançar o inconsciente, como fatores que servem para a sujeição e também para a libertação. Neste sentido pode-se afirmar que Artaud introduz o espaço da liberdade como questão política, algo que também está presente de maneira estrutural em *A Tempestade*, de Shakespeare. Como dramaturgo e ator, Artaud filia-se à tradição libertária, deixando-se marcar pelo surrealismo. Libertário e alquímico, Artaud denuncia os poderes e instituições que assassinam os sujeitos, apontando como estratégias do poder a medicina, a linguagem e o corpo. Tais aspectos, por sua vez, uma vez subvertidos, passarão a dar o real valor da vida, esta sim a personagem central percebida por Artaud.

A sua proposta de Teatro da Crueldade faz com que a política avance na direção do corpo humano e, conseqüentemente, na direção da vida. Artaud especula sobre a política enquanto multiplicidade de pequenas políticas que denunciam e criticam o controle, a sujeição e – antecipadamente – o biopoder.

Estas são pistas encontradas nestes três autores que permitem avançar em uma discussão que pretenda problematizar a ampliação da abordagem política para novas fronteiras. Ao construírem suas obras, em tempos diferentes, Shakespeare, Brecht e Artaud, nos deixam ver como um tem muito a ver com o outro. Estes dramaturgos afirmam a potencia do teatro como linguagem artística e, também como potencia política, independentemente do sentido que política venha a ter.